



O empoderamento de multiplicadores ambientais nas escolas municipais em Bonito-PE.

The empowerment of environmental multipliers in municipal schools in Bonito-PE.

SOUZA, Beatriz¹ Pessoa de. VASCONCELOS, Gilvânia² de Oliveira Silva de

¹ Graduanda de Engenharia Agrícola e Ambiental- UFRPE, beatrizpsouzaa@gmail.com. ² Docente da UFRPE, zoogilster@gmail.com

Eixo Temático: Educação Formal em Agroecologia

Resumo: O objetivo deste trabalho é compreender a educação, a partir da articulação entre a escola, comunidade, universidade, discutindo as dinâmicas da agroecologia no município de Bonito-PE. Pautando-se na busca pelo reconhecimento e valorização da realidade local, no sentido de compreendê-la e transformá-la. Desse modo, a ideia principal é a educação em agroecologia, enfatizando as questões relativas ao território e a alimentação saudável. O trabalho foi desenvolvido em duas escolas do município de Bonito – PE. A pesquisa de caráter qualitativa e participativa, no sentido de envolver as/os participantes neste processo a partir da dinâmica reflexão-ação-reflexão. Utilizamos diferentes ferramentas metodológicas como: diagnóstico por meio dos mapas, aplicação de questionários, encontros de sensibilização, aplicação de jogos lúdicos e trocas de experiências. Finalizamos com a construção de um vídeo produzido pelos estudantes, demonstrando o conhecimento adquirido.

Palavras chave: Educação, Agroecologia, Alimentação Saudável

Keywords: Education, Agroecology, Healthy eating

Introdução

A educação tem sido apresentada como um fator importante na compreensão do sujeito sobre as problemáticas ambientais e na importância da aquisição de novos comportamentos e atitudes (FERRARO, 2005). O processo educativo escolar tem sua importância na formação de sujeitos críticos e responsáveis pela transformação social. O objetivo deste trabalho é compreender a educação, a partir da articulação entre a escola, comunidade, universidade, discutindo as dinâmicas da agroecologia no município de Bonito-PE. E para fazer essa articulação, com base na literatura de Epistemologias do Sul, tomamos como ideia a diversidade epistemológica, assumindo o reconhecimento da existência de uma pluralidade de formas de conhecimentos e o diálogo entre saberes populares e científicos (SANTOS E MENESES, 2010).

Assim, o conceito de agroecologia, quanto a ciência transdisciplinar, torna-se eixo norteador e articulador na pesquisa para a promoção e reconhecimento da pluralidade de saberes, por meio da agricultura familiar com sua produção de base ecológica, gerando a autonomia das famílias agricultoras, incentivando a economia local, contribuindo para a conservação da agrobiodiversidade, melhoria da saúde de produtores e consumidores, consolidando a soberania e segurança alimentar e o desenvolvimento local sustentável (DAROLT, LAMINE, BRANDEMBURG, 2013).



Nesta perspectiva, considerar uma abordagem interpretativa no espaço da escola/sala de aula torna-se fundamental, por ter a possibilidade de considerar a historicidade das questões ambientais (CARVALHO; GRÜN, 2005). Bem como, possibilitar o desenvolvimento de habilidades e competências necessárias para o enfrentamento dos problemas ambientais, por parte dos educadores/as e educandos/as quando estes se aproximam da realidade na qual estão inseridos (LEFF, 2001), destacando os conhecimentos ligados à forma de produção agrícola local e ao resgate dos conhecimentos populares sobre o manuseio da terra.

No entanto, é importante destacarmos a necessidade da escola estimular os educandos/as para o desenvolvimento de uma consciência crítica, para se tornarem transformadores do mundo e, sujeitos de ação e não de adaptação, como defendeu Paulo Freire (1987), se contrapondo ao modelo de educação “bancária”, por meio da lógica de que, quanto mais passividade lhes for imposta, mais eles tendem a se adaptar ao mundo.

Metodologia

A presente proposta de trabalho está inserida em um processo de construção do conhecimento agroecológico no município de Bonito-PE, localizado no Agreste Central do estado de Pernambuco, considerado um território com abundância de água, que propicia a agricultura e o turismo rural. A partir da lógica da pesquisa-ação, utilizamos ferramentas participativas nas atividades das escolas, na zona rural e urbana. Desse modo, estimulamos que os sujeitos se sintam corresponsáveis, por cada etapa que está sendo proposta, criando assim, a oportunidade de desenvolver a autonomia e responsabilidade, especialmente com o público juvenil, a que se destina a pesquisa. Portanto, o que ocorre não é o mero repasse de informação, mas sim, uma troca e socialização permanente de aprendizados, práticas, conhecimentos e resultados.

Nesse processo, a perspectiva da educação ambiental crítica, sinaliza uma realização do trabalho transdisciplinar no entendimento da realidade e dos seus conflitos. Mas também, pensamos esta proposta como forma de retroalimentar o diálogo dos saberes a partir de uma perspectiva freiriana, buscando assim a produção de saberes diversificados, sem desconsiderar o diálogo com o saber cotidiano de professores/as, estudantes e agricultores/as.

Ainda em concordância, com a concepção da educação ambiental crítica e participativa foi adotada uma metodologia de caráter qualitativo e participativo, sendo guiada a partir dos referenciais da pesquisa-ação (GHEDIN, FRANCO, 2011), ao passo utilizamos diferentes ferramentas na execução do projeto, como: diagnóstico por meio dos mapas, aplicação de questionários, diversos encontros de sensibilização, aplicação de jogos lúdicos e trocas de experiências.

A ação concreta do trabalho foi dividida em algumas etapas, sendo elas: a) diagnóstico com estudantes e professores/as; b) criação de equipe de monitores ambientais; c) desenvolvimento de ações de sensibilização; d) Implantação da horta escolar e



composteira; e) sistematizações e reflexões em grupo. Essas foram voltadas principalmente para a valorização do território, com um enfoque no diálogo sobre a produção de base ecológica, a importância da conservação da agrobiodiversidade local, o conhecimento das reservas ambientais e unidades de conservação do município, por meio de trilhas e a sensibilização para a alimentação saudável, por meio de oficinas com teste organoléptico e comparações visíveis entre alimentos orgânicos e convencionais.

Em todo o processo, buscamos utilizar uma visão holística que integra cultura, natureza, e respeito ao meio ambiente, na busca de formação de sujeitos ecológicos capazes de multiplicar os conhecimentos adquiridos em diversas situações das quais venham a participar em seu cotidiano.

Este trabalho foi desenvolvido em turmas dos anos finais do Ensino Fundamental II em duas escolas, uma na zona rural localizada no povoado Sayão que é destaque por sua importância econômica para a agricultura familiar e a outra em uma periferia na cidade, em Bonito – PE.

Através também de uma articulação entre parceiros, a Prefeitura Municipal de Bonito via duas secretarias: de Educação, de Agricultura, Desenvolvimento Rural e Sustentabilidade, vem promovendo um processo de sensibilização na cidade. Tudo isto, começou a ser impulsionado principalmente pela inauguração do Mercado da Vida em 2016, o primeiro Mercado Público de Pernambuco que comercializa exclusivamente alimentos agroecológicos, compreendendo-se como um local de grande diversidade de atividades econômicas organizadas a partir dos princípios da solidariedade, autogestão e autonomia (DUBEUX, 2016).

Resultados e Discussões

Ao final do projeto que durou 11 meses em duas escolas no Município de Bonito, foi construído um vídeo pelos estudantes e apresentado na culminância das atividades do período eletivo, que ocorreu no Mercado da Vida, local onde se comercializam a produção de base ecológica do município. Durante o diagnóstico realizado no início do projeto, tínhamos percebido a comunidade escolar desconectada das relações ser humano e natureza. Ao final do mesmo, foi possível ouvir um discurso diferente dos estudantes, com respeito ao meio ambiente, identidade camponesa e alimentação saudável.

“Devemos cuidar da natureza, pois tudo que possuímos vem dela, se fomos observar a natureza ela é autossustentável, ela é capaz de se recuperar sozinha, se uma semente cair no chão, ela germina, cresce e dá frutos. O homem é um ser que dependente da natureza”.

“eu sinto muito orgulho de morar no campo, porque tenho um contato direto com a terra, meus pais são agricultores e eu posso ver depois de algum tempo, uma semente que plantei crescer e dar frutos”.



“aprendi com essa experiência, a importância do não uso do agrotóxico e a alimentação saudável. Nós tivemos que capinar todo o mato, construir os canteiros e usamos um estrume apurado como adubo orgânico, regamos e colhemos. vimos a lição da importância de comer um alimento natural, vindo da agricultura familiar. Somos os herdeiros do futuro, e para no futuro a gente ser feliz, vamos ter que cuidar bem desse país”.

As falas acima vêm demonstrar a maturidade epistêmica com a temática da Agroecologia, o que apontamos como resultado positivo. Outro momento primordial foi à formação dos educadores/as, que o diagnóstico inicial havia apontado como ação a ser desenvolvida, e os temas geradores foram: agroecologia e economia solidária. As aprendizagens foram muitas, da parte da escola, os estudantes e professores/as mudaram suas percepções e atuações com relação ao meio ambiente, a importância dos agroecossistemas como fonte da produção de alimentos saudáveis. Da parte dos participantes da Universidade, o aprendizado foi o reconhecimento de diferentes saberes, com o desafio em criar estratégias para transposição didática, e trabalhar o tema da agroecologia, dialogando com diferentes disciplinas na escola.

Conclusões

Foi perceptível a mudança na atitude das crianças, que ao final do projeto mostraram-se mais interessadas, com participação ativa, tanto nas aulas, como nos últimos encontros entre escola e universidade realizados em Bonito/PE. Foi visível a empolgação dos estudantes, ao se depararem com a produção dos panfletos do Mercado da Vida, onde puderam se ver, em seus desenhos e identificar suas realidades. Durante as formações com os professores/as, mesmo tentando sensibilizar sobre o cuidado com o ambiente e apontando os riscos que o modelo de desenvolvimento hegemônico traz à sociedade, nem todos os professores/as das escolas foram tocados com a preocupação trazida, havendo divergências com as ideias do projeto.

O impacto social ocorreu através das oficinas, encontros, reuniões, conversas, diagnósticos e formações realizadas, acreditamos que este processo formativo trouxe mudanças de hábitos significativas para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa, e consciente de suas responsabilidades com o outro e com o meio ambiente. Assim como, novas formas de convivência entre as pessoas e o meio ambiente. Aprendendo com a natureza e com ela criando práticas mais harmônicas de convívio, desenvolvida pelos estudantes multiplicadores dentro e fora da escola.

Nessa perspectiva, o contato das crianças com o Mercado da Vida, trouxe uma consciência crítica no modo de vida da sociedade moderna e consumista. Defendendo o bem viver, e uma produção alimentos sem agrotóxicos, respeitando a natureza, não destruindo, nem contaminando a terra, à água, as florestas, nascentes e os animais. Assim, temos a educação e a boa alimentação, como base da energia que precisamos para brincar, pensar e trabalhar. Finalizamos afirmando que, nossa comida e conhecimento não são mercadorias e considerando a transdisciplinaridade, a



complexidade dos saberes, a alimentação saudável como ideias força para a educação em agroecologia.

Referências bibliográficas

CARVALHO, I. C. M.; GRÜN, M. Hermenêutica e educação ambiental: o educador como intérprete. In: FERRARO JÚNIOR, L. A. (Org.). **Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: MMA/Diretoria de Educação Ambiental, 2005. p. 175-187.

DAROLT, M., LAMINE, C., BRANDEMBURG, A. A diversidade dos circuitos curtos de alimentos ecológicos: ensinamentos do caso brasileiro e francês. **Revista Agrícolas**. v.10, n.2. junho de 2013.

DUBEUX, A. Do acompanhamento de projetos ao desenvolvimento territorial: uma análise da metodologia das incubadoras de Empreendimentos Econômicos Solidários no Brasil. In: **Revista de Economia Solidária**, ACEESA, Ponta Delgada, nº10, 2016, p. 68-97.

FERRARO, L. A. (Org.). **Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: MMA. Diretoria de Educação Ambiental. 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17a edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GHEDIN, E; FRANCO, M. A. S. **Questões de métodos na construção de pesquisa em educação**. 2a edição. São Paulo: Cortez, 2011.

LEFF, E. **Epistemologia ambiental**. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P.. (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo; Editora Cortez. 2010.